



Resistência e afirmação cultural: um olhar fotográfico e etnográfico sobre a comemoração à Iemanjá em Maceió – AL¹

Larissa Fontes²
Marcelo Góes Tavares³

Faculdade Integrada Tiradentes, Maceió, AL

RESUMO

Este ensaio fotográfico toma como foco a análise das expressividades presentes nas ritualizações dos festejos do dia 8 de dezembro, o dia de Iemanjá, orixá das águas salgadas nos fundamentos das religiões afro-brasileiras. Neste dia, também é comemorado no catolicismo o dia de Nossa Senhora da Conceição, com quem a orixá das águas salgadas é associada no sincretismo religioso com a Igreja Católica. Na cidade de Maceió – AL o festejo à Iemanjá ganha visibilidade pública, em contraste com as heranças sócio-culturais que estigmatizam e oprimem as crenças e rituais presentes nas religiosidades de ascendência afro-brasileira em Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; ritual; religiosidade; Iemanjá.

1 INTRODUÇÃO

O 8 de dezembro é o que se pode chamar de um dia de cores. Rodas de pessoas em sua maioria vestindo branco – algumas vestindo azul e amarelo – e usando colares muito coloridos, tomam a orla marítima de Maceió. Dançam, entoam cantos e levam pequenos barcos carregados dos mais diversos objetos: flores brancas (rosas, cravos, lírios), perfumes de alfazema, moedas de níquel, sabonetes, pentes e espelinhos. Os barcos são deixados soltos nas ondas do mar, em oferenda para a Rainha das Águas. Desse modo, ocorrem os festejos de Iemanjá em Maceió. A praia da Pajuçara é o local onde se concentra a maior parte das manifestações.

As religiosidades de ascendência africana no Brasil, de modo geral, traduzem uma visão de mundo diferenciada. Seus cultos abrangem todos os segmentos da natureza e foram criados mitos para uma melhor compreensão de seus fundamentos. Assim, surgiu o imaginário das figuras dos orixás personificados, ou seja, cada orixá é visto como uma

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Ensaio Fotográfico.

² Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Integrada Tiradentes - FITS. E-mail: lahfontes@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Historiador e Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é docente na Faculdade Integrada Tiradentes – FITS. E-mail: marce_goes@hotmail.com.

figura humana e com características humanas. Pierre Verger, em seu livro *Orixás: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo*, explica que:

Iemanjá, cujo nome deriva de “Yèyé omo ejá” (“Mãe cujos filhos são peixe”) é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifê e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemojá. As guerras entre nações iorubás levaram os Egbá a emigrar na direção oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. Evidentemente, não lhes foi possível levar o rio, mas em contrapartida, transportaram consigo os objetos sagrados, suportes do axé da divindade e o rio Ògùn, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Iemanjá. (VERGER, 1997, p. 73).

A razão de no Brasil se cultivar Iemanjá através do mar vem de uma memória dos navios negreiros: na tradição iorubana, os que morriam a bordo dos navios eram jogados ao mar (*Okum*), ou seja, os corpos eram entregues ao mar e ao espírito do deus das águas (*Olokum*). No mesmo livro, Verger conta um dos mitos, em que se explica o surgimento dos rios e o encontro de Iemanjá com seu pai:

Iemanjá seria a filha de Olokum, deus (em Benim) ou deusa (em Ifê) do mar. Numa história de Ifá, ela aparece “casada pela primeira vez com Orunmilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin, deus de Ifê (...). Cansada de sua permanência em Ifê, foge mais tarde em direção ao Oeste. Outrora, Olokum lhe havia dado, por medida de precaução, uma garrafa contendo um preparado, pois “não se sabe jamais o que pode acontecer amanhã”, com a recomendação de quebrá-la no chão em caso de extremo. E assim, Iemanjá foi instalar-se no “Entardecer-da-Terra”, o Oeste. Olofin-Odùduà, rei de Ifê, lançou seu exército à procura de sua mulher. Cercada, Iemanjá, em vez de se deixar prender e ser conduzida de volta a Ifê, quebrou a garrafa, segundo as instruções recebidas. Um rio criou-se na mesma hora, levando-a para Okun, o oceano, lugar de residência de seu pai. (...) Ela é representada nas imagens como uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva. (VERGER, 1997, p.73).

Quando aportaram no Brasil ainda no período colonial, os negros iorubanos tiveram dificuldade em encontrar rios para cultuá-la. Assim, Iemanjá foi associada ao mar e é considerada até hoje como a grande mãe de todos os orixás. A partir deste período começou-se a celebrar os cultos à Iemanjá no mar.

Não se sabe dizer precisamente quando a festa começou a acontecer. A origem do evento é mais remota do que se pode imaginar. Houve alguns períodos em que os festejos foram suspensos, como por exemplo, durante o período próximo a 1912, ano em que ocorreu a maior repressão às religiões afro-brasileiras em Alagoas, conhecida como “O



Quebra de Xangô”. Neste ano, um grupo de oposição ao então governador Euclides Malta⁴, junto com a população, perseguiu e destruiu a maioria dos terreiros de Maceió, expulsando os praticantes das religiões de ascendência afro-brasileira. A partir de então, estes praticantes foram marginalizados, legando para a prática dessa religiosidade a invisibilidade e estigma social pejorativo na sociedade alagoana.

Até então, os cultos eram realizados nos próprios terreiros e as oferendas levadas à praia somente pela noite, às escondidas, para não chamar a atenção. Décadas depois, com o aumento de casas de candomblé na cidade e com a nova constituição, os cultos foram se tornando mais livres e hoje os terreiros situados em bairros distantes da orla marítima se deslocam em ônibus alugados e fazem todo o ritual ali mesmo, na praia, enquanto os terreiros mais próximos preparam todo o ritual no próprio barracão e levam as oferendas somente no fim do dia. Desse modo, neste dia, as práticas de rituais religiosos de ascendência afro-brasileira ganham visibilidade pública, resistindo, inclusive, ao preconceito e qualquer olhar etnocêntrico.

As oferendas à orixá contém comidas de seu gosto, presentes e obrigações chamadas *Orôs*⁵, que são colocadas em uma grande panela (*Igbá*), a qual é devidamente enfeitada com flores e disfarçada com presentes de valor apenas simbólico, como pentes, espelhos, moedas de cobre e perfumes. O disfarce visa manter em segredo os presentes, já que são secretos aos olhos de não-iniciados. Tudo é colocado nos pequenos barcos para então serem entregues ao mar.

E assim a festa é realizada todos os anos, no dia 8 de dezembro, na Orla da Praia de Pajuçara. Os grupos de praticantes da religião começam a lotar a faixa litorânea ainda pela manhã e lá permanecem durante todo o dia, reverenciando a Mãe de Todos, Iemanjá.

2 OBJETIVOS

A presente proposta traz como foco central o registro fotográfico e etnográfico da festa do dia 8 de dezembro, data na qual é comemorado o dia de Iemanjá. Em uma

⁴ Cogita-se que na época, Euclides Malta era simpatizante e praticante dos cultos religiosos afro-descendentes, o que na época chocava as elites e classes políticas de Alagoas que vinham de uma tradição religiosa cristã e que ainda expressavam fortemente o pensamento escravista. A esse fato, foram associadas motivações políticas de oposição ao então governador, revelando disputas por poder e projetos de sociedade que culminaram, após a saída de Euclides Malta do governo, na continuação da classe açucareira e agrária nas esferas do poder político e econômico em Alagoas.

⁵ Essas oferendas são produzidas anteriormente pelos filhos da orixá num ritual não permitido a pessoas não iniciadas na religião.



sociedade marcada por experiências opressoras contra as práticas religiosas de ascendência africana, este é o momento em que uma visão de mundo diferenciada ganha visibilidade pública, opondo-se, de certa maneira, ao preconceito.

O primeiro e maior objetivo buscado com o referido ensaio fotográfico, foi a busca por uma maior compreensão das religiões afro-descendentes, uma vez que a festa do 8 de dezembro é o momento em que essas religiosidades ficam mais expostas perante a sociedade. Além do registro fotográfico dos rituais, também foi possível uma pesquisa e análise mais profunda dos significados culturais e históricos presentes no culto à Iemanjá e na prática das religiões de afro-descendentes em Alagoas.

3 JUSTIFICATIVA

Iemanjá é um dos orixás mais populares no Brasil. A festa em sua comemoração na cidade de Maceió é frequentada não só por adeptos das religiões afro-descendentes, mas também por simpatizantes e transeuntes que passam pela orla da Pajuçara e são chamados a atenção pelo grande número de pessoas homenageando a Rainha das Águas. É comum ver até quem não é iniciado nos fundamentos afro jogando flores no mar.

Por também fazer parte desse grupo de simpatizantes e curiosos, a autora já havia ido assistir as homenagens de 8 de dezembro e até mesmo realizado registros fotográficos antes. Desse modo, surgiram também oportunidades e propostas para realizar algumas práticas profissionais nas quais o tema pode ser vivenciado. O desejo de ter as religiões afro-brasileiras – em especial o candomblé – como objeto de estudo veio na medida em que questionamentos maiores foram surgindo.

Em depoimentos particulares à autora, babalorixás (nome dado aos sacerdotes masculinos das religiões afro-brasileiras) relataram alguns casos de preconceito e intolerância religiosa vividos por eles. Em um deles, no dia 8 de dezembro de 2009, chegando para as comemorações pelo dia de Iemanjá, o babalorixá e seus filhos-de-santo foram surpreendidos por um grupo de evangélicos que os impediam fisicamente de descer do ônibus. Estes evangélicos alegavam, entre várias outras ofensas, que os praticantes do candomblé tinham ligação com o demônio. As senhoras, com as vestes pesadas de baianas, chegavam a passar mal dentro do veículo, causando um verdadeiro tumulto despropositado.

O mesmo babalorixá ainda relatou que na rua em que se situa o seu barracão existe uma igreja evangélica e que, em dia de toque, por inúmeras vezes, os membros da referida



igreja se postavam em sua porta se utilizando de caixas de som para atrapalhar e repreender seu culto. A saída foi prestar queixa numa delegacia, onde todos foram ouvidos e as caixas de som apreendidas.

Ao mesmo tempo em acontecem as comemorações à Iemanjá no 8 de dezembro, há dois anos também é realizado um evento evangélico, intitulado “Xô Satanás”, nas proximidades da orla marítima, uma verdadeira afronta aos cultos e à religiosidade afro-descendente.

Desse modo, a publicação do presente ensaio se justifica na necessidade de que se torne visível nos meios acadêmicos a ritualização ocorrida no dia de Iemanjá, possibilitando a tradução de outra⁶ visão de mundo capaz de expressar valores culturais que resistem aos estigmas e preconceitos existentes na nossa sociedade. Revelam-se também, através deste ensaio, a própria historicidade e significados sobre os cultos de ascendência africana em Alagoas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O presente trabalho traz como principal referência teórica a obra do fotógrafo e etnógrafo francês radicado na Bahia, Pierre Verger, estudioso dos cultos aos orixás. Realizou diversas pesquisas e registros da prática do candomblé na Bahia e dos povos africanos de cultura iorubá, na Nigéria e na Costa do antigo Daomé, atual República do Benin.

O proveitoso diálogo com o historiador e babalorixá Célio Rodrigues, sacerdote da Casa de Iemanjá/Núcleo de Cultura Afro-Brasileira Iyá Ogun-té, tornou possível uma outra compreensão dos significados e da historicidade do ritual do 8 de dezembro, assim como da prática do candomblé em si.

O registro fotográfico ocorreu no dia 8 de dezembro do ano de 2010. O equipamento usado para a realização do ensaio fotográfico foi uma câmera Canon 50D com lente 17-85mm. O registro das fotos foi realizado utilizando ISO 400, permitindo uma velocidade mais alta para congelar e preservar os movimentos e expressões. Como foi realizado no fim do dia, quando o sol já estava se pondo e a luz ficava cada vez mais fraca, foi necessária uma variação na regulagem de diafragma e obturador.

⁶ Essa outra visão de mundo é expressada nos cultos religiosos de ascendência afro-brasileiras, sendo olhares religiosos diferentes da tradição católica e avanço das igrejas evangélicas no Brasil.

Experimentando as possibilidades de edição de um ensaio feito na mesma festa no ano de 2009, decidiu-se optar pelo preto-branco por assim conseguir passar a atemporalidade que lhe é característica e por tentar transportar o observador para a época onde tudo começou: o negro escravizado nas senzalas, disfarçando seus altares com imagens de santos da Igreja Católica, quando na verdade, escondiam os assentamentos de seus orixás embaixo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O referido ensaio fotográfico se constitui em catorze (14) fotografias em preto-e-branco. Ângulos abertos mostram algumas das inúmeras rodas de candomblé que podem ser vistas na orla da Praia de Pajuçara durante o 8 de dezembro. Algumas fotografias trazem em primeiro ou segundo plano, diferentes composições – situações, instrumentos ou detalhes das vestimentas e das guias (colares de contas que identificam, pelas cores, de qual santo um fiel é filho) usadas pelos filhos-de-santo. São mostrados também rostos e expressões de pessoas em transe, realizando ações específicas da entidade incorporada, fazendo reverências às imagens de Iemanjá e levando ao mar suas oferendas.

É preciso chamar a atenção para a fotografia em que uma criança é retratada no meio de uma das rodas, caracterizada com as vestes típicas da religião: sua expressão é tranqüila e inocente e pode-se ver o torso em sua cabeça, assim como os colares de contas. A imagem contribui totalmente para a desconstrução de estigmas que fazem alusão a algo diabólico e revela a resistência e perpetuação de tradições que também são expressões da cultura brasileira. O estigma é completamente dispensável.

6 CONSIDERAÇÕES

A concretização deste ensaio fotográfico possibilitou uma maior aproximação com a cultura e com os rituais afro-brasileiros. Também propiciou a realização de outros trabalhos envolvendo o tema, como reportagens jornalísticas e registros de cunho documental. Desse modo, permitiu um aprofundamento sobre a cultura afro, divulgando-a em outros espaços públicos e privados.

Com essa experiência, foi possível o contato com diversos pais e mães-de-santo que abriram as portas de suas casas para as pesquisas e se deixaram fotografar, algo que é



temido e proibido por muitos terreiros de candomblé e umbanda, já que a exposição dessa cultura ainda marginalizada, traz aos seus adeptos um certo temor pela reação da sociedade. Ao dar visibilidade aos segmentos que são culturalmente silenciados e estigmatizados, também se tornam públicos os movimentos de resistência e luta das tradições de ascendência afro-brasileiras.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Rachel Rocha de Almeida & CAVALCANTI, Bruno César. **Maceió, cidade negra: diversidade e distribuição espacial de manifestações, bens e serviços afro-brasileiros**. In: BARROS, Rachel Rocha de Almeida; FERNANDES, Clara Suassuna; CAVALCANTI, Bruno César. (Orgs.). Kulé Kulé: Afroatitudes. Maceió: EDUFAL, 2007.

CAVALCANTI, Bruno César & ROGÉRIO, Janecléia Pereira. **Mapeando o Xangô – Notas sobre mobilidade espacial e dinâmica simbólica nos terreiros afro-brasileiros em Maceió**. In: BARROS, Rachel Rocha de Almeida; FERNANDES, Clara Suassuna; CAVALCANTI, Bruno César. (Orgs.). Kulé Kulé: Religiões Afro-Brasileiras. Maceió: EDUFAL, 2008.

RIBEIRO, Antônio Daniel Marinho. **Formação do campo ideológico no processo de satanização do xangô durante a oligarquia dos Malta, Maceió/Alagoas, 1901-1912**. In: BARROS, Rachel Rocha de Almeida; FERNANDES, Clara Suassuna; CAVALCANTI, Bruno César. (Orgs.). Kulé Kulé: Religiões Afro-Brasileiras. Maceió: EDUFAL, 2008.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado Baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004.

SOUZA, Patrícia Ricardo de. **Axós e Ilequês – Rito, mito e a estética do Candomblé**. São Paulo: USP, 2007.

VERGER, Pierre. **Orixás: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo**. 5. ed. Salvador: Corrupio: 1997.